

## ENTREVISTA

### PERFORMANCE: SABER E POLÍTICAS EM MOVIMENTO

Prof. Dr. Washington Luis Lima Drummond  
Entrevista concedida a Gislene Alves da Silva<sup>1</sup>



Arquivo pessoal do entrevistado

Washington Luis Lima Drummond é Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia, atua também como professor Permanente do Programa de Pós-Graduação de Crítica Cultural na mesma instituição e colaborador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura na Universidade Federal da Bahia. Enquanto pesquisador tem se debruçado sobre as teoria contemporânea (Benjamin, Foucault, Flusser, Baudrillard), urbanismo, imagem e cidade, temáticas que perpassam nos estudos do Grupo de Estudo Pós-Teoria, do qual é coordenador.

Drummond tem a sua formação acadêmica na Universidade Federal da Bahia-UFBA, possuindo Licenciatura em História (1989), mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea (1998) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura (2009). Para este momento faremos um bate-papo sobre a atuação dos movimentos de

---

<sup>1</sup> Mestranda em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia, Campus II, Alagoinhas. Bolsista/Capes. E-mail: galves11@hotmail.com.  
Grau Zero — Revista de Crítica Cultural, v. 1, n. 2, 2013 | 195

resistência do espaço urbano, mas também sobre a proposta do Grupo de Estudo Pós-Teoria em diálogo com o Mestrado em Crítica Cultural.

**Silva:** Fale um pouco da sua trajetória acadêmica.

**Drummond:** Minha trajetória na UNEB deve ser pensada numa vivência acadêmica ampliada: saber e política. Nesses últimos vinte anos que dediquei a nossa instituição procurei explorar a produção de saber e fazer da política. De início com um viés mais sindical, agora vejo que além dessa política que é tocada por outros colegas, acompanho um pouco mais de longe, penso que me engajei em outra política: a implantação e fortalecimento dos cursos de Pós Graduação. É o que resta fazer até a aposentadoria [risos].

**Silva:** Como você vê a atuação dos movimentos de resistência do espaço urbano? E quais são os movimentos de “desobediência civil” que tem se destacado?

**Drummond:** O melhor desses movimentos é a imprevisibilidade. É o fato de não podermos qualificá-los e de não termos nenhuma esperança de que acontecerão. A esperança é um princípio nocivo, ele aclimata o inusitado aos conceitos gastos e usuais, aprisiona a imaginação e a produção discursiva. Eu trabalho enquanto historiador e teórico com a surpresa e a incerteza. Geralmente definem a história como o campo do já acontecido, mas tem algo maldoso aí. Como se fosse sempre um campo de repetições. Mas não é nada disso. A história é uma ficção científica [risos]. Aí só acontece o que nunca antes aconteceu. É o campo da imprevisibilidade de tudo o que é raro e único. Lembram de Marx parodiando Hegel? Primeiro como tragédia, depois como farsa. Bem agora é como performance. E aí a própria discussão do espaço urbano. Dessa cotidianidade urbana insurgente, que fere e fatura.

Então é preciso nesses movimentos atentar para o caráter performático das manifestações em que algo como um

ultrapassamento da política de como a conhecíamos. Acabei de orientar um ótimo trabalho sobre isso. Meu orientando Maurício de Jesus do Pós-Crítica juntos tateamos as implicações entre política estética e técnica e a ideia de performance.

Sou contra os mapeamentos que obedecem a lógica do já pensado e do já existente, prefiro operar com o conceito de informe, de tudo aquilo que corrompe as formas estabelecidas e institucionais.

**Silva:** As organizações populares têm ganhado força na internet. O que as manifestações de junho de 2013 tiveram de melhor? E de pior? E como você avalia o impacto das redes sociais nesse contexto?

**Drummond:** Tudo o que respondi antes partiu das jornadas de junho e acho que concentrei minhas questões no meu texto "*Muros: da cidade capsulada ao surto heterológico*" que agora foi republicado em uma versão em inglês no livro do performer *Leo França* que tem um ótimo trabalho sobre muros fronteiras cidade.

O que me espantou nas jornadas foi a forma que políticos e academia partiram para cima exigindo padrões políticos e estéticos. Uma "besteirada" nacional, ou então exigindo um futuro, mas que fosse já conhecido e no final perderam a possibilidade de verem as transformações violentas que estamos passando e pra mim o melhor foi o desaparecimento completo e a falha, o hemorragia que causaram e o seu caráter precário, mas era aí que estava sua força, mas esperavam uma repetição na Copa, nas eleições. Bem, você sabe que não trabalho por aí, mas me divirto com tudo.

**Silva:** Você poderia falar um pouco sobre a proposta do Grupo de Estudo Pós-teoria?

**Drummond:** Acredito que estamos vivendo uma pós-teoria. O tempo da teoria me parece datado, mas não acabou

por ter definhado, mas por excesso. Veja Foucault serve até pra abrir lata. Acho que o desejo de teorização transformou ideias geniais num lugar comum. Tem um intelectual muito famoso hoje [risos] não vou dizer o nome, mas ele é uma espécie de clone do Foucault [risos] que é um sintoma a cavalo (lembrei-me do Napoleão e o outro filósofo famoso). A cada texto ele toma um teórico, e isso, bem, não é possível, ninguém merece ser cavalo de santo ou ventríloquo de teóricos franceses, mas é assim que nos esperam. Eu hoje indico, nesse mundo pós-teórico, uma dieta teórica, alguns poucos e fiéis conceitos.

Por outro lado é fruto de encontros de mais de dez anos, divido a coordenação com o prof. José Félix e temos a participação do prof. Alan Sampaio, agora aglutinamos nossos orientandos. Temos uma grande afinidade de encarar o mundo da teoria e mantermos uma certa crítica, muito feroz até.

**Silva:** O seu livro e de Alan Sampaio “A Cidade e seu Duplo: imagem, cidade e cultura”, que faz parte da série de Crítica Cultural, lançado no dia 28 de maio de 2014, no Espaço Itaú de Cinema (Centro antigo de Salvador), foi recorde de venda da Editora da UNEB (Eduneb). A que você atribui o motivo do sucesso deste livro?

**Drummond:** É como Cioran certa vez disse: é imprevisível o destino de um livro.

**Silva:** Em que medida o seu interesse de pesquisa dialoga com o Mestrado em CríticaCultural?

**Drummond:** O Pós-Critica é a possibilidade de construirmos algo pensando nessa nova política institucional. Nunca penso nele como simplesmente uma pós-graduação, mas como um gesto ousado, inusitado, surpreendente. Temos que pensá-lo como desafio, é maior do que nós professores, alunos e técnicos é uma batalha a cada dia. Mas não seria isso que nos alimenta? Construir um espaço de pesquisa

sas, debates com variados matizes e ao mesmo tempo tão deslocado dos grandes centros. Tudo aqui é meio esquizo, diagonal. No meu jeito eu diria que meu esforço no Pós-Critica nunca será interdisciplinar, mas indisciplinar. Aí é que temos potência. O Pós-Critica para mim é um gesto indisciplinar.

**Silva:** Alguma mensagem para o pessoal que acompanha os artigos da Grau Zero?

**Drummond:** A Grau Zero é mais um ato indisciplinar. Estamos todos nessa!